

KOIXOMUNETI: XAMANISMO E RESISTÊNCIA TERENA

Data de aceite: 02/05/2024

Michelle Carlesso Mariano

Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia – pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

RESUMO: O presente texto é um estudo etnográfico interdisciplinar, histórico e antropológico, sobre o xamanismo Terena na aldeia Kopenoti, Terra Indígena Araribá, situada no município de Avaí, estado de São Paulo. Parte-se dos princípios que orientam a “Nova História Indígena”, valorizando o protagonismo dos sujeitos históricos agentes de sua própria cultura. Buscou-se descrever e analisar o xamanismo Terena a partir de narrativas e práticas, visto que ambas expressam a maneira pela qual os indígenas estruturam e significam o mundo, mesmo num ambiente multiétnico e de sincretismo religioso. Considerou-se como hipótese que os indígenas assumem e ressignificam o xamanismo segundo sua lógica dada pela sua cosmologia, visto que é uma prática que está retornando à comunidade depois de um longo período, como um processo de afirmação étnica e valorização cultural.

Os dados foram interpretados a partir de uma análise simbólica, pois são de ordem cultural. Considera-se que as atividades culturais são ações nas quais o simbolismo forma o conteúdo positivo e são públicas, observáveis e, portanto, descritíveis e analisáveis sob o ponto de vista dos sujeitos que a engendram.

PALAVRAS-CHAVE: Terena; xamanismo; cultura.

ABSTRACT: The present text is an interdisciplinary, historical and anthropological ethnographic study on Terena shamanism in the Kopenoti village, Araribá Indigenous Land, located in the municipality of Avaí, state of São Paulo. It starts from the principles that guide the “New Indigenous History”, valuing the protagonism of historical subjects who are agents of their own culture. We sought to describe and analyze Terena shamanism based on narratives and practices, as both express the way in which indigenous people structure and signify the world, even in a multi-ethnic and religious syncretism environment. It was considered as a hypothesis that indigenous people assume and resignify shamanism according to their logic given by their cosmology, since it is a

practice that is returning to the community after a long period, as a process of ethnic affirmation and cultural valorization. The data were interpreted based on a symbolic analysis, as they are of a cultural nature. Cultural activities are considered to be actions in which symbolism forms the positive content and are public, observable and, therefore, describable and analyzable from the point of view of the subjects who engender them.

KEYWORDS: Terena; xamanism; culture

INTRODUÇÃO

A compreensão das representações simbólicas indígenas, incluindo-se o sistema ritual, as relações e motivações sociais, resistências e adaptações engendradas, perpassa necessariamente pelo estudo do xamanismo. De acordo com Langdon (1992, p. 11), ao usarmos a definição de religião expressa por Geertz (2013), o xamanismo sul-americano, semelhante ao sistema religioso, contém ideias, visões, reflexão e práticas que organizam a visão de mundo e a sociedade de uma cultura. Já o conceito xamã foi sugerido por Mircea Eliade (1964) e denota um indivíduo que se vale de técnicas de êxtase para intermediar os homens e o sobrenatural, personagem característico da Sibéria e regiões da Ásia Central. Numa realidade etnográfica sul-americana, por sua vez, Métraux (apud VIERTLER, 1981, p. 307), sugere a utilização do conceito de *piai*, das línguas Tupi e Carib, o mesmo que *pajé*, pois comportam funções, técnicas e características que destoam do xamanismo siberiano e se assemelham entre si, como a obtenção dos poderes mágicos por meio de alguma substância, que também são a origem de numerosos males, doenças e infortúnios (tabaco, fumaça, respiração ou alguma planta medicinal ingerida durante a iniciação do aprendiz). Aqui, a ação terapêutica ocorre por meio desses ‘espíritos/substância’ e os objetos causadores dos males são extraídos do corpo do doente através de cantos, sucções, fricções e baforadas de tabaco. A iniciação do *piai/pajé*, ou no caso Terena do *koixomuneti* (SILVA, 1976; OLIVEIRA, 1976), compreende a aquisição de poderes mágicos, o aprendizado de certas técnicas de manufatura (chocalhos, adornos, plumárias) e certas técnicas de cultivo (plantas medicinais, fumo).

Recentemente, uma notícia veiculada pela imprensa no interior de São Paulo, chamou a atenção da comunidade acadêmica, por se tratar, justamente, do retorno da atividade xamânica Terena à aldeia Kopenoti, Terra Indígena Araribá, depois de um longo período de ausência. Um jovem líder foi consagrado xamã desta comunidade e afirmou veementemente sua intenção de construir uma “Casa de Reza” com a finalidade de resgatar a espiritualidade Terena.¹ Vivendo em um contexto interétnico e fortemente influenciado pelas religiões cristãs, os Terena buscam resgatar sua cultura num processo afirmativo identitário, consciente e crítico de sua própria situação histórica.

¹ Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/regional/2020/01/712447-aldeia-kopenoti-tera--casa-de-reza.html>. Acesso em: 02 abr. 2023.

De acordo com Diniz (1978) os primeiros Terena, da família linguística Aruak, começaram chegar à região em questão em 1932. Por incentivo do então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), pequenos grupos familiares migraram para as imediações do córrego Araribá, já habitado pelos Guarani (Tupi), onde passaram a conviver e compartilhar a terra e o modo de vida. Assim, sua história na região está marcada pela convivência interétnica, além de um sincretismo religioso secular originado ainda no Chaco, antes de migrarem para regiões do cerrado mato-grossense. Nessa região, afirma Carvalho (2008, p. 65), assimilam a figura de um deus do céu, que passa a dividir espaço com Vanuno e outras serpentes aquáticas da cosmologia Terena.

Para fins desta pesquisa, considera-se os Terena como agentes históricos de sua cultura, ou seja, os “esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática” (SAHLINS, 1997, p. 7). Nesse sentido, a cultura é reproduzida historicamente na ação, pois as relações simbólicas de ordem cultural são, na verdade, um objeto histórico. Na ação, as categorias culturais adquirem novos valores funcionais que fazem com que os significados culturais sejam alterados. A cultura funciona como uma síntese situacional, baseada no consenso do grupo, entre passado e presente, estabilidade e mudança. É este processo que faz com que o grupo ressignifique práticas, adequando-as a sua realidade sem, contudo, deixar de ser ele mesmo.

Uma pesquisa, nesses moldes, justifica-se por mostrar o protagonismo indígena em processos afirmativos identitários, resgates culturais, ressignificações e usos de práticas xamânicas, permanências e mudanças que compõem, uma “síntese situacional” engendrada pelos próprios sujeitos históricos. É nesse sentido que o projeto em questão se insere: um estudo etnográfico e histórico da cultura Terena, a partir das práticas xamânicas incorporadas com a consagração de um jovem xamã, a construção da “Casa de Reza” e o protagonismo indígena em (re) significar suas práticas e narrativas para dar sentido à sua visão de mundo, sua cosmologia e sua história. Além disso, buscar-se descrever e analisar o processo de migração e ocupação indígena no interior do estado de São Paulo, em especial para a população indígena, em consonância com o contexto histórico da expansão do café e da construção de ferrovias (MILLIET, 1939).

Do exposto, objetivou-se descrever e analisar a cultura Terena na aldeia Kopenoti, T.I. Araribá/SP, com ênfase no sistema xamânico e seus operadores e sua função para a comunidade, buscando em narrativas a forma como estas pessoas estruturam e orientam o mundo em que vivem, um contexto interétnico e sincrético. A partir de um estudo interdisciplinar entre Antropologia e a História, buscou-se desenvolver uma pesquisa com foco na presença indígena no interior de São Paulo, assim como um estudo etnográfico, método indutivo de análise comparativa composta pela formação teórica, o trabalho de campo e a escrita, destacando-se a função do Koixomuneti para a comunidade Terena como um todo, em especial para a aldeia Kopenoti.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho interdisciplinar coteja a pesquisa documental, através de fontes históricas, ao registro das percepções indígenas, em um entendimento de cultura enquanto processo dinâmico e histórico (CUNHA, 2009). Para tanto, apresenta como orientação teórica e metodológica uma abordagem da “Nova História Indígena”, proposta por John Monteiro (1994), na qual os indígenas são os protagonistas de sua própria história. Para tanto, utiliza-se como recurso metodológico narrativas indígenas sobre sua história, cosmologia, visão de mundo, rituais e terapêuticas, visto que a narrativa é uma expressão simbólica que orienta sobre o que está acontecendo. As narrativas denotam a maneira pela qual os indígenas estruturam e representam o mundo (GOOD, 1994), uma forma de falar sobre eventos que traduz o saber para o contar (WHITE, 1981), eventos estes inseridos em uma ordem cultural.

Para a obtenção dos dados, parte-se de uma pesquisa etnográfica documental (pelo impedimento sanitário da observação participante, visto que esta pesquisa foi realizada durante a pandemia de COVID-19), com dados sobre a comunidade indígena da aldeia Kopenoti, T.I. Araribá, município de Avaí, São Paulo. Numa pesquisa etnográfica, a teoria perpassa todo o estudo. A descrição dos fenômenos é apenas a primeira etapa, “as observações são realizadas não só para descrever o curioso, o exótico ou o diferente por si mesmos (pelo natural interesse que despertam), mas também e principalmente para universalizá-los” (PEIRANO, 1995, p. 18). É este percurso que refina problemas e conceitos antropológicos, a especificidade do caso empírico e o caráter universalista da sua manifestação.

Na parte instrumental da coleta de dados desta pesquisa, além da pesquisa de base documental em etnografias produzidas com foco em diversos grupos Terena no Brasil, realizou-se entrevistas com Irineu Nje’a, *Koixomuneti* da aldeia Kopenoti. Pela situação sanitária atual e o contexto de distanciamento social necessário, os encontros foram mediados pela ferramenta google meet, gravadas, transcritas e analisadas de acordo com as teorias que ajudam a desvelar o tema.

Para interpretar os dados empíricos, parte-se de uma análise simbólica, visto que são os símbolos que orientam as atividades comuns (GEERTZ, 2013). Para Geertz, elementos simbólicos “são formulações tangíveis de noção, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças” (p. 68). Padrões culturais são sistemas ou complexos de símbolos e possuem um duplo aspecto: “eles dão significado, isto é, uma forma conceptual objetiva, à realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade a ela e ao mesmo tempo modelando-a a eles mesmos” (p. 69).

RESULTADOS

Transferidos para São Paulo pelo Sistema de Proteção ao Índio para auxiliarem outras etnias no processo de assimilação, pelo fato de já trabalharem a agricultura, os Terena mais uma vez se reinventaram para não deixar de ser eles mesmos. Desde o tempo em que viviam no Chaco, sobreviveram a contatos e guerras, imposições religiosas e tentativas de extermínio indianizando as tentativas de dominação cultural. Esse é o caso da religião e todo o complexo xamânico que orientava a vida em comunidade por, justamente, oferecer uma explicação de mundo condizente com sua realidade. Rezadores e curandeiros realizam suas práticas dentro do protestantismo e catolicismo e, atualmente, buscam uma solução para o aparecimento de um *koixomuneti* fora das práticas cristãs, criado na cidade e conhecedor do mundo dos 'brancos'. Irineu recebeu o chamado espiritual para ser *koixomuneti* e busca as suas origens reinventando-se, um processo de etnogênese genuíno, evidenciando a agência indígena consciente e crítica sobre a condição desses sujeitos num âmbito histórico que sempre lhes negou a condição de existência em sua cultura.

TERENA: TERRITORIALIZAÇÃO E OCUPAÇÃO DA REGIÃO DE BAURU-SP

Os Terena são uma população originária da região do “*Eêxiwa*” “uma categoria cosmológica utilizada para se referir ao lugar-evento do aparecimento dos homens, e para onde a alma segue no post-mortem”, conforme Franco (2011, p. 10). Região situada às margens direitas do Rio Paraguai, ocupando toda região que vem desde o Paraguai e adentra no estado do Mato Grosso do Sul no Brasil. Antes mesmo de sua migração para o Brasil em meados do século XVIII os Terena dividiam suas terras com outros povos tradicionais, dentre eles os Mbayá-Guakurú que, como coloca Carmen Adsuara em sua dissertação sobre “*UNATÍ YAPEY!: Aspectos da vida Terena em Araribá*”,

Ali, uma tão intensa relação de troca acontecia entre os Terena e os Mbayá-Guakurú, que até mesmo a estrutura social em seu tríptico de relações assimétricas dos Terena, e de outros grupos Guaná, teria sido adotada dos Mbayá-Guaykurú. (ADSUARA,2016. pp.13.)

Em meados do século XIX, duas importantes questões fizeram com que os Terenas buscassem por novas terras para sua ocupação e desenvolvimento da sua comunidade. A primeira diz respeito aos conflitos interétnicos estabelecidos entre os povos indígenas que ocupavam aquela região. Em contrapartida, a expansão da colonização e ocupação de novas terras, foram fatores que levaram essa população a se deslocarem para o estado do Mato Grosso do Sul, atravessando o rio Paraguai, estabelecendo-se, então, em território brasileiro.

Um fator histórico que possibilitou a chegada do Terenas em solo brasileiro foi a Guerra travada contra o Paraguai. Considerada apenas mais um acontecimento que faz

parte da História do Brasil, este fato passou um longo período sem ter sua real importância reconhecida. Historiadores como o argentino Leon Pomer, analisam este entrave entre o exército brasileiro e a nação paraguaia não somente pelo prisma de participação unilateral branca, pelo contrário, o historiador apresenta em seus estudos a teoria de que nações indígenas como os Terenas, que não se reconhecem nem como argentinos, nem como brasileiros e nem como paraguaios, mas, possuem a sua própria etnografia, participaram ativamente do conflito.

Pomer aborda em sua narrativa a importância de refletirmos sobre o tema “*como uma forma de recuperar a identidade dos povos que nela lutaram*” e ainda, “*mostrar ao povo o seu caráter de agente, de construtor*” (POMER, 1982, p.05). Dessa forma, salienta-se que a chegada dos Terenas em solo brasileiro foi motivada por diversos entraves entre outras tribos indígenas e, até mesmo, fatores históricos de larga escala.

Décadas após o estabelecimento da comunidade Terena na região do Mato Grosso, no início do século XX outras comunidades originárias do Brasil estavam sofrendo com as frentes de colonização, sendo esses povos os Kaingang e os Guarani, situados a esquerda do rio Paraná, nos vales dos rios Paranapanema, Tietê e do Peixe, e sofrendo com o avanço da gripe espanhola que assolava estes indivíduos como resultado de seu contato direto com o homem branco.

O remanejamento da população Terena para a comunidade de Araribá no município de Avaí-SP, se deu pela mediação do órgão governamental reconhecido como “*Serviço de Proteção Indígena – SPI*”, responsável por realocar os indivíduos nas regiões próximas aos centros urbanos. Em 1905, com a chegada Estrada de Ferro do Noroeste do Brasil e a concentração de centenas de pessoas na região de Bauru advindas por estas estradas, o SPI foi o órgão responsável pela realocação e a chegada dos cinco primeiros núcleos familiares indígenas de ascendência Terena nesta região.

Informações constantes dos relatórios [...] localizam a chegada dos primeiros Terena ao Posto por volta de 1930. A princípio, apenas cinco famílias de Mato Grosso, ali se estabeleceram [...]. (ASSIS DE CARVALHO, 1979, p. 78-79 e 83)

Somente em 1970 a terra indígena Araribá é reconhecida como a primeira terra indígena no Estado de São Paulo. Entretanto, é importante evidenciarmos o fato de que, sendo Araribá reconhecida apenas em 1970 não anula o fato de que outras comunidades indígenas ocupavam a região de Bauru, sendo estas comunidades representadas pelos Guaranis, que tradicionalmente já ocupavam os sertões de Bauru desde o final do século XIX, e, alguns grupos Kaingang.

As comunidades Guaranis que ocupavam as terras bauruenses no início do século XIX, da mesma forma que os Terenas, sofreram progressivamente com as doenças e o avanço do interesse econômico por parte dos latifundiários sobre suas terras, utilizando-se da exploração de sua força de trabalho.

Antes mesmo do contato com doenças como a Varíola, Gripe Espanhola, dentre outras epidemias trazidas para dentro das aldeias e exterminando metade da população indígena em território brasileiro, sem citar as caçadas e perseguições a estas comunidades, estes indivíduos possuíam sua própria sistematização cultural, social e política, desenvolvendo as condições de vida adequada de acordo com o que o solo fornecia, isto é, o contato com a terra para estas comunidades originárias é fundamental, sendo reconhecida como território e possuindo um forte investimento simbólico que a torna parte fundamental da existência destes povos.

A chegada dos Terenas na região de Bauru por meio do SPI foi motivada pelo interesse de aumentar a população indígena daquela região, que como citado anteriormente, foi assolada pelas doenças e pela exploração de trabalho. Entretanto, era de interesse do Estado manter a reserva indígena de Araribá mediante exigência apresentada no Decreto Nº 2.371-F². Em contrapartida, a sua chegada favoreceu em grande parte o projeto desenvolvido pelo Estado brasileiro de ocupação do interior paulista, sendo utilizados como instrumentos de integração econômica por meio de seus conhecimentos agrícolas e artesanais.

Os processos de mudanças de territórios influenciaram negativamente nas formas de vivência entre os Terenas, para além de suas tradições, a história da própria comunidade sofre uma gradativa perda de memória, tendendo a ser recontada apenas pela concepção estabelecida pelos colonizadores Ocidentais. Assim, o resgate destas histórias que são contadas oralmente e passadas de geração em geração é fundamental para a apropriação de um vasto conhecimento sobre os povos originários que ocupam o interior paulista.

Em resumo, podemos verificar que, a partir da chegada dos Terena, inicia-se um processo de reorganização das políticas de proteção e preservação das terras indígenas em todo território brasileiro, e, em Araribá não é diferente, para além da manutenção da reserva demarcada e da possibilidade de integração dos Terenas à economia regional, novas técnicas agrícolas são implementadas devido aos seus conhecimentos sobre a terra e novas formas de comércio artesanais são instituídos como meios de movimentar a economia regional.

KOIXOMUNETI: O XAMANISMO TERENA NA TERRA INDÍGENA ARARIBÁ

A complexidade do mundo indígena se estende a todas as suas esferas, sendo difícil discernir seus limites, visto que o sagrado permeia o vivido tanto nas experiências cotidianas quanto na vida cerimonial. É no xamanismo que encontramos os fundamentos conceituais que ajudam na compreensão das representações simbólicas do sistema ritual e suas relações com as motivações sociais. De acordo com Langdon (1992, p. 11), se usarmos

² Declara reservadas, para localização de índios, as terras do valle do corrego Araribá no districto de Jacutinga, município e comarca de Baurú.

a definição de religião expressa por Geertz, o xamanismo sul-americano é um sistema religioso, pois contém ideias, visões, reflexão e práticas sobre o mundo e sua reprodução. O foco não é se as crenças são mágicas³ ou religiosas, mas no sistema simbólico que organiza a visão de mundo e a sociedade de uma cultura. O conceito xamã foi sugerido por Mircea Eliade (1960) e denota um indivíduo que se vale de técnicas de êxtase para intermediar os homens e o sobrenatural, personagem característico da Sibéria e regiões da Ásia Central. De acordo com o autor, a simples existência de traços xamanísticos não significa que o sistema seja xamânico.

Para adaptar esse conceito à realidade etnográfica sul-americana, afirma Viertler (1981, p. 307), Métraux sugere a utilização do conceito de *piai*, das línguas Tupi e Carib, o mesmo que *pajé*, que não comporta duas experiências básicas do xamanismo siberiano: o voo mágico e a possessão. Esse conceito implica um conjunto de semelhanças constatadas em povos sul-americanos a partir da comparação de funções, técnicas e características desse intermediário entre os homens e o sobrenatural. O *piai* ou *pajé* obtém seus poderes por meio de alguma substância mágica (tabaco, fumaça, respiração ou alguma planta medicinal ingerida durante a iniciação do aprendiz). Essas substâncias também são a origem de numerosos males, doenças e infortúnios, quando materializadas na forma de dardos e flechas mágicos, resina, espinhas, cristais, as formas materializadas dos espíritos auxiliares do *piai*. Nesses casos, a ação terapêutica ocorre por meio desses ‘espíritos/ substância’ e os objetos causadores dos males são extraídos do corpo do doente através de cantos, sucções, fricções e baforadas de tabaco, fenômeno condizente com as descrições etnográficas sobre o xamanismo Terena.

Nessa experiência, não há possessão, típico do xamanismo siberiano. Ainda de acordo com esse autor, a iniciação do *piai* compreende a aquisição de poderes mágicos, o aprendizado de certas técnicas de manufatura (chocalhos, adornos, plumárias) e certas técnicas de cultivo (plantas medicinais, fumo). A iniciação está geralmente antecedida por crises de doenças graves, sonhos, acidentes, experiências extraordinárias no que se convencionou a chamar de “morte iniciática” (MÉTRAUX, 1967, p. 101).

Esses conceitos fornecem uma ideia que não pode ser tomada em sua totalidade, mas a partir da especificidade empírica das manifestações dessa natureza nos povos indígenas. A realidade do sistema xamânico Terena é descrita e analisada a partir, principalmente, do relato de Irineu Nje’a e da sua experiência como Koixomuneti, assim como de informações etnográficas de pesquisas já realizadas junto a essa etnia, em diversos contextos.

3 “A magia compreende agentes, atos e representações: chamamos mágico o indivíduo que efetua atos mágicos, mesmo quando não é um profissional; chamamos representações mágicas as ideias e as crenças que correspondem aos atos mágicos; quanto aos atos, em relação aos quais definimos os outros elementos da magia, chamamo-los ritos mágicos” (MAUSS, 2013, p. 55). Ritos mágicos: “Chamamos assim todo rito que não faz parte de um culto organizado, rito privado, secreto, misterioso, e que tende no limite ao rito proibido [...] não definimos a magia pela forma de seus ritos, mas pelas condições nas quais eles se reproduzem e que marcam o lugar que ocupam no conjunto dos hábitos sociais” (p. 61).

Pesquisas sobre a religiosidade Terena apresentam um complexo processo que sobrevive a despeito da atuação de igrejas protestantes e católicas dentro dos territórios indígenas (ACÇOLINI, 2012; 2015; CARVALHO, 2008). O trabalho de Fernanda Carvalho, por exemplo, entre os Terena do Mato Grosso do Sul foca na figura do *Koixomuneti*, sua escolha e formação, identificando-o com a função de curador e prolongador da vida, pois, enquanto rezador, ritual em que utiliza a *itaaká*, uma maraca sagrada, pode se comunicar com os espíritos de outros rezadores já mortos. Nessa viagem ao mundo espiritual, o *koixomuneti* se comunica com esses espíritos e é instruído por eles tanto no diagnóstico de um infortúnio como nas técnicas de cura. Essa função está relacionada à cosmovisão indígena e a concepção de *unatí yapey*, “você vive bem” (ADSUARA, 2016, p. 60), que caracteriza “um modo de vida em que integram-se no cotidiano dos indivíduos o alimento, a comensalidade, os movimentos e a tranquilidade – características que põem lado a lado o bem estar, a territorialidade e a construção do corpo e da pessoa.” Assim, os estados desejáveis que marcam a socialidade Terena dizem respeito ao “caráter” de uma pessoa, e os indesejáveis são conduzidos aos curadores especialistas em interações de cuidado: *Koixomuneti* (o foco de nossa análise), benzedores(as) e pastores(as).

Os Terena acreditam que os assuntos humanos são diretamente influenciados pelos espíritos desencarnados que, por razões de apego, permanecem circulando entre os vivos e causam-lhes uma série de infortúnios e o *pajé*, ou o *koimonuneti* possui o dom de atravessar o plano espiritual, proteger a comunidade de sua ação maléfica e obter sua ajuda por meio de ritos mágicos. Para os Terena os espíritos são os causadores de doenças e mortes e, principalmente, o vício em bebidas alcoólicas. Irineu afirmou, inclusive, que seu primeiro trabalho comprovando sua atuação como *koixomuneti* foi a cura que realizou em um parente que “bebia muito”. Segundo relatos colhidos por Carmen Adsuara (2016) entre os Terena de Araribá, a “bebedeira” é entendida como a consumação da vontade de um espírito que bebia em vida incorporado na pessoa. Assim, a ação xamânica consiste no ato de afastar tal espírito, livrando assim o indivíduo do vício.

“Eu tenho minha história para contar”, assim Irineu começou seu depoimento, evocando sua ancestralidade Terena, desde o tempo em que seus parentes viviam no Chaco com suas técnicas tradicionais de agricultura, cerâmica, fiação de algodão com o qual confeccionavam redes, roupas, a diáspora após a invasão do seu território pelos não índios e as perdas pelas quais passaram nesse processo de peregrinação, hora enfrentando hora fugindo do colonizador. Seus ancestrais viviam às margens do rio Paraguai, o qual atravessaram numa piroga construída com couro de animais, chegando ao Mato Grosso, juntando-se aos Terena que ali já viviam. O rio e a guerra na região em que viviam levaram muitas histórias Terena, afirma.

Seus parentes chegaram em Araribá em 1932 e fundaram a aldeia Kopenoti. Seu pai nasceu em Mato Grosso e veio para São Paulo com 7 anos, com seu avô Sebastião. Quando jovem, foi trabalhar em uma fazenda próxima e casou-se com a filha do fazendeiro.

O casal foi morar na aldeia e tiveram três filhos. No entanto, Irineu saiu com sua mãe muito jovem da aldeia e foi morar na cidade. Graduou-se em História e especializou-se em Antropologia com bolsas de estudo oferecidas pela Universidade Sagrado Coração. Foi na faculdade que começou, disse, a ter uma percepção mais crítica sobre a situação dos indígenas no Brasil e sobre a sua postura enquanto Terena, pois observou que não se falava sobre os indígenas de maneira geral ou mesmo sobre aqueles que viviam na região do interior de São Paulo. Essa situação o impulsionou para a ação direta, promovendo então sua cultura dentro da universidade, dos espaços educativos, produzindo material didático sobre a história Terena. Assim fundou a associação Araci, com sede em Bauru/SP, que tem por objetivo maior a difusão da cultura dos povos indígenas para sociedade principalmente, por meio da arte, como a cerâmica que ele produz, trabalho que era exclusivo das mulheres Terena. A inovação de Irineu é que ao invés de fabricar utensílios para o uso cotidiano, ele investe numa arte espiritual. O cachimbo, o tambor, o *itaaká*, são formas de resistência através da arte, pois esses objetos carregam a força da espiritualidade Terena.

A associação procura também fomentar informações sobre a questão indígena, levando a discussões sobre políticas afirmativas na qual tange aos direitos tradicionais e difunde tais ações através do blog <https://araciculturaindigena.blogspot.com/> e da página do Facebook <https://www.facebook.com/www.araciculturaindigena/?fref=ts>. Com essas ferramentas, busca alcançar e divulgar a cultura Terena, o cotidiano da comunidade, rituais e comemorações, os produtos cultivados de maneira orgânica, bem como reflexões de cunho pessoal e manifestações políticas pelos direitos indígenas e contra formas de opressão, fazendo uma ponte entre a comunidade e a cidade.

De acordo com ele, foi esse pensamento crítico, essa busca pelos direitos e respeito ao seu povo que despertou o seu chamado para o xamanismo, assim como sua preparação junto aos parentes de Mato Grosso. Esse legado foi deixado pela sua avó que era *Koixomuneti*. Ele não escolheu ser xamã, mas foi escolhido pelos guias animais para tal função. O chamado acontece em forma de sonho em que o guia animal, não mencionado por Irineu por ser um 'segredo sagrado' lhe incumbe da missão xamânica. Sua avó era *koixomuneti*, mas já havia falecido e não havia ninguém que lhe orientasse sobre as práticas xamânicas. Retornou, então, para o estado de Mato Grosso junto aos seus parentes e ali permaneceu numa espécie de retiro espiritual para aprender as técnicas, cantos, rezas e tabus que envolvem o fazer e o pensar *koixomuneti*.

No entanto, disse, sofreu grande resistência dos próprios parentes, apoiados pelos que vivem em Kopenoti, tanto por morar num contexto urbano e não dominar o idioma como pela presença marcante de igrejas e suas práticas que condenam o xamanismo, pois os processos de cura neste contexto só são aceitos se praticadas dentro dos ritos da igreja. Um xamanismo autêntico, com o retorno dos guias espirituais, representa uma atuação do "diabo" e é veementemente condenado.

Agora, seu objetivo é angariar fundos para a construção da Casa de Reza na aldeia Kopenoti, projeto adiado e prejudicado pela pandemia de Covid – 19, pois acredita que o retorno da espiritualidade Terena está condicionada à fundação da Casa de Reza. A preocupação com a saúde é constante, a mudança de hábitos alimentares, a incorporação de alimentos externos, sal, açúcar, prejudica a saúde dos indígenas. Mas, o que mais preocupa Irineu enquanto *koixomuneti* são os espíritos que rondam a comunidade, visto que sem intervenção dos rituais xamânicos, eles não conseguem se desapegar do mundo dos vivos.

REFERÊNCIAS

ACÇOLINI, Grazielle. Xamanismo e protestantismo entre os Terena: contemporaneidades. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 24-47, jan./jun. 2012.

ADSUARA, Carmen. *Unatí Yapey!* Aspectos da Vida Terena em Araribá. Dissertação de Mestrado na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2016.

BECKER Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: *étodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

BITTENCORUT, Circe Maria. LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Decreto nº 2.371-F, de 28 de Abril de 1913. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1913/decreto-2371F->

CARVALHO, Edgard de Assis. “As alternativas dos vencidos: índios Terena no estado de São Paulo”. Rio de Janeiro. Originalmente Tese de Doutorado na Faculdade de Filosofia de Rio Claro de 197428.04.1913.html Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

CARVALHO, Fernanda Schmuziger. *Koixomuneti e outros curadores: xamanismo e prática de cura entre os Terena*. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

COELHO, Márcio Oliveira de Castro. *Terena e Guarani na reserva indígena de Araribá: um estudo etnográfico da aldeia Tereguá*. São Carlos: UFSCar, 2016.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual mas irredutível. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DINIZ, Edson Soares. *Uma reserva indígena no Centro-Oeste paulista: aspectos das relações interétnicas e intertribais*. São Paulo: Museu Paulista, 1978. (Coleção Museu Paulista, Série de Etnologia, 3)

ELIADE, Mircea. *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1964.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOOD, Bryon J. *Medicine, rationality, and experience*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

LANGDON, Esther Jean Matteson. Introduction: Shamanism and Anthropology. In: LANGDON, E. J. M. & BAER, G. (editors) *Portals of Power*. Albuquerque: University of New Mexico, 1992.

MÉTRAUX, Alfred. *Etnografía del Chaco*. Tradução de Frank Samson. Paraguai: Editorial El Lector, 1996.

MILLIET, Sergio. *Roteiro do café e outros ensaios*. São Paulo: s/ed., 1939 (Coleção Departamento de Cultura, volume XXV).

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Do Índio ao Bugre: o processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

POMER, Leon. *"Paraguai: Nossa Guerra contra esse Soldado"*. 2º ed. São Paulo: Global, 1982.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *MANA*, v. 2, n. 3, p. 103-150, 1997.

SILVA, Fernando Altenfelder. Religião Terêna. In.: SCHADEN, Egon. *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1976. pp. 268-276.

VIERTLER, R. B. Implicações de alguns conceitos utilizados no estudo da religião e da magia de tribos brasileiras. In: Hartman, T., Coelho, V. P. (orgs.). *Contribuições à Antropologia em Homenagem ao Professor Egon Schaden*. Coleção Museu Paulista, Séries Ensaio, Volume 4. São Paulo: Universidade de São Paulo, Fundo de Pesquisa do Museu Paulista, pp. 305-318, 1981.

WHITE, Hayden. "The Value of Narrativity in the Representation of Reality", MITCHELL, W. J. T. (org.), *On Narrative*, Chicago, University of Chicago Press, pp. 1-24, 1981.